

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

GILVANETE LOPES DA SILVA

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA VITORIOSA

NATAL/RN

2013

GILVANETE LOPES DA SILVA

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA VITORIOSA

Trabalho de Conclusão de Curso -
Memorial de Formação - apresentado ao
Instituto de Educação Superior Presidente
Kennedy como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Valkley Xavier
Teixeira de Hollanda

NATAL/RN

2013

GILVANETE LOPES DA SILVA

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA VITORIOSA

Trabalho de Conclusão de Curso-
Memorial de Formação - apresentado ao
Instituto de Educação Superior Presidente
Kennedy, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Pedagogia, analisado e aprovado pela
Banca Examinadora formada pelos
professores:

Orientador: Prof. Ms Valkley Xavier Teixeira de Hollanda - IFESP

Prof. Ms. Denilton Silveira de Oliveira - IFESP

Prof. Esp. Gilmar Félix -FESP

Natal, _____ de _____ 2013.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu forças e sabedoria para vencer mais uma etapa de minha vida. As minha família. Dedico ainda, a todos os que contribuíram para mais essa realização na minha vida acadêmica e àqueles que acreditam numa educação de qualidade fundamentada no compromisso, no amor e na dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e do amor sem medidas e pela sua força divina nos momentos de angústias;

A minha família, pelo apoio a mim dedicado durante esta trajetória acadêmica;

Aos professores formadores do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, pela formação e transformação em minha vida pessoal e profissional;

Ao professor orientador Prof. Ms. Valkley Hollanda, pelas importantes orientações e co-responsabilidade na elaboração deste trabalho;

Aos meus amigos do curso de Pedagogia, Célia, Jane, Cristina, Jailson, Ana Cristina, Elis Regina e Suedson, pela troca de conhecimentos e pela amizade que se sedimentou ao longo dessa trajetória;

Aos meus alunos, por me permitirem ensinar e aprender com eles e a todos que me apoiaram nesse percurso.

RESUMO

Este Memorial de formação aborda pontos relevantes da trajetória da vida estudantil, profissional e acadêmica de Gilvanete Lopes da Silva, objetivando descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências pessoais e profissionais adquiridas, passando pelo ingresso no Instituto de Formação Superior Presidente Kennedy (IFESP), sendo esse acontecimento o ápice da realização do sonho de chegar à formação acadêmica. Reflete ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações e redimensionamentos em minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias e concepções educacionais do pedagogo.

Palavras- chave: Formação. Memória. Prática Pedagógica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 VIDA ESTUDANTIL: UMA TRAJETÓRIA	08
3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: EM BUSCA DE UM SONHO	22
4 FORMAÇÃO ACADÊMICA: CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Este Memorial de formação, sob o título “Memórias de uma Educadora Vitoriosa”, requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia – habilitação para educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental tem como objetivo apresentar acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória estudantil, profissional e acadêmica.

Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diferentes situações e nas diversas etapas da vida. No decorrer dessa narrativa, pretendo contextualizá-la com as teorias estudadas durante o curso de Pedagogia.

Para esse fim, este memorial está dividido em cinco capítulos. Esta breve introdução caracteriza-se como primeiro capítulo e tem por objetivo apresentar sua estrutura composicional. No segundo, aborda a primeira grande reflexão e exame da formação inicial da alfabetização ao magistério. No terceiro, encontram-se considerações sobre a prática pedagógica exercida em função do aprendizado no curso de magistério. No quarto, a reflexão e a análise das aprendizagens com relação a prática educativa do pedagogo adquiridas durante a trajetória acadêmica. No quinto e último capítulo, considera-se a importância deste trabalho para a formação continuada em decorrência dos estudos realizados.

Este memorial, portanto, resulta de uma análise de minha trajetória educativa e de uma revisão das obras estudadas ao longo do curso. Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar os conhecimentos pessoais, bem como uma preocupação em destacar em cada período a questão que me pareceu mais ilustrativa e mais importante.

2 VIDA ESTUDANTIL: UMA TRAJETÓRIA

“Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas”.

Guimarães Rosa

Escrever este memorial de formação é um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado adormecido. Ao longo do trabalho, farei essa reconstituição. Nasci na cidade de Angicos, interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1977. Venho de família muito humilde: minha mãe cursou até o quinto ano do ensino fundamental e meu pai é analfabeto, pois não tiveram oportunidade de estudar devido ao trabalho árduo da roça. Mesmo assim tiveram o cuidado de matricular os cinco filhos na escola. Entre os cinco, apenas eu consegui concluir o ensino médio e chegar ao nível superior. Acredito que isso ocorreu devido à falta de interesse e rebeldia por parte deles, visto que tivemos a mesma educação doméstica.

Minha trajetória estudantil deu-se no início do ano de 1983, aos quatro anos de idade, no então jardim de infância, atual educação infantil, na Escola Municipal Djalma Maranhão, no bairro de Felipe Camarão, zona oeste da cidade de Natal por um programa nacional de caráter assistencialista: o Projeto Casulo implantado pela Legião Brasileira de Assistência Social (LBA), direcionado especificamente para crianças de até seis anos de idade, tendo a finalidade de beneficiar o desenvolvimento biopsicossocial destas, proporcionando uma visão integral do ser, que compreende as dimensões física, psicológica e social.

No programa também existia a preocupação com a família, pois acreditavam que a creche podia facilitar a vida das mães, disponibilizando tempo para executar atividades renumeradas e assim aumentar a renda familiar. O foco era a mulher trabalhadora, por isso a ideia da creche como local de cuidado e guarda de seus filhos.

Tenho poucas lembranças dessa fase da minha vida: recordo-me da minha primeira professora, chamava-se Fátima, uma pessoa muito amável, meiga e paciente conosco. Eu a chamava de tia e tinha grande afeto por ela. Minha mãe

dizia que ela era minha tia da escola: fui condicionada a chamá-la assim. Segundo Paulo Freire (1994, p.26),

Professora é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos mesmo que amar só não baste e sem gostar do que faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar do que sendo tia dizer que não gosta de ser tia.

Assumir a função de professora é mais que ser uma simples tia. Requer cuidar e educar para vida, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania.

Recordo que minha sala de aula ficava em um galpão de madeira muito arejado, onde cantávamos muitas músicas infantis, brincávamos em um recanto de areia e nossas atividades eram muito divertidas com bastantes pinturas em desenhos mimeografados para colorir com coleções de madeiras e giz de cera. As professoras não incentivavam os alunos a construir seus próprios desenhos, deixando assim de estimular o processo criador e o fazer artístico das crianças.

Com relação às propostas oferecidas pela professora, as técnicas utilizadas para trabalhar a coordenação motora da escrita não se diferem muito das atualmente utilizadas em algumas instituições de ensino, nas quais a prática comum é ligar pontinhos para formar as letras e os números, como também relacionar gravuras, com as letras iniciais das palavras. Sobre isso, o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 93), nos diz que,

Enquanto desenham ou criam objetos, as crianças também brincam de “faz de conta” e valorizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de pensar e sentir, o mundo sobre qual estão inseridas. A criança cria, recria individualmente formas expressivas interagindo percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que poderão então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

É necessário deixar que a criança desenvolva seu lado artístico, pois elas têm por natureza criatividade, curiosidade e o prazer de aprender.

Lembro que havia um grupo de teatro no bairro que sempre ia à escola fazer apresentações de algumas peças teatrais. Entre elas, Branca de Neve e os sete anões, a Bela adormecida e a Gata Borralheira. Eu ficava encantada e boquiaberta com toda aquela magia dos contos infantis. E ao lembrar esses momentos tão

prazerosos sinto muita saudade daquele tempo. Às vezes sinto cheiro daquelas tardes que passava em minha sala de aula. Como eu morava próximo à escola, conta minha mãe que eu queria ter autonomia para ir á escola sozinha, mas ela não permitia.

Essa etapa de minha vida, eu considero importantíssima, porque foi a base de toda minha aprendizagem. Sobre isso, vejamos o que nos diz Assman (1998, p. 29): “O ambiente pedagógico tem de ser um lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos”.

O processo de ensino e aprendizagem precisa acontecer em um ambiente que proporcione criatividade, respeito mútuo, que trabalhe a autoestima e o prazer de estar adquirindo novos conhecimentos. Apesar da minha sala de aula ser muito ampla, não tinha nem uma decoração exposta nas paredes e os únicos mobiliários que existiam eram mesas e cadeiras, não recordo se havia mural que identificassem nossa rotina e nossas produções, como também se existia algum espaço destinado a brincadeiras ou brinquedos disponíveis para que pudéssemos brincar. De acordo com Cruz e Fontana (1997, p.118),

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa, na escola. Pela brincadeira e pelo desenho, ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações sociais em que a criança está emersa são elaboradas, revividas compreendidas.

Hoje, compreendo que, brincando, a criança se torna mais operativa, se envolve e sente necessidade de socialização, possibilitando desenvolver capacidades tais como atenção, afetividade, socialização, concentração e outras habilidades fundamentais para sua identidade e autonomia.

É importante que a educação infantil proporcione às crianças diversas maneiras de brincar, de modo que elas adquiram novas aprendizagens, favorecendo a autoestima e auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Evidentemente que muita coisa já não recordo do meu passado, porém ao ouvir alguns relatos, pouco a pouco começa a ressurgir em minha mente muito do

que já vivi. Para Vasconcelos (2000, p. 09) apud Costa e Gonçalves (2006, p. 3) resgatar histórias de vida permite vôos bem amplos,

[...] Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados como pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de luta de acatamento, de resistência, de resignação e criação.

Em 1985, fui para a sala de alfabetização na qual comecei as primeiras aprendizagens de leitura e de escrita, a partir de um método sintético, que consiste na apresentação de letras, sílabas e formação de frases. Isso se realizava de maneira descontextualizada e mecânica, fazendo com que o aluno identificasse imagens e relacionasse ao som das letras. Quando todos esses códigos (letras) eram memorizados e a criança tinha capacidade de formar palavras e lê-las, era considerada alfabetizada. Dessa forma, percebo que esse método colaborou frente esse processo tão complexo de alfabetização. Conforme Borges (1998, p. 56),

O método sintético consiste fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia, Neste sentido, todos os procedimentos metodológicos a ele ligados, quer partam da letra, do fonema ou sílaba, apresentam a aprendizagem inicial da leitura como algo mecânico. Trata-se por tanto, da aquisição técnica para decifrar o escrito em sons.

Portanto, observo que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita é uma questão que exige mecanismos e se trata da obtenção de uma técnica para decifrar o texto lido, porque se concebe a escrita por meio da transição gráfica da linguagem oral e ler equivale a decodificar o escrito em som.

Além disso, também eram utilizadas as cartilhas do ABC, rigorosamente contrariando o que afirma Freire (1996, p. 62) “aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem”.

Particularmente, foi muito difícil pra mim a fase da alfabetização, porque não conseguia aprender as letras do alfabeto nem decodificar as sílabas e isso me inquietava muito. Ao final do ano letivo, alguns dos meus colegas já sabiam ler e eu não. Até que, certa vez, ao chegar em casa, decidi pegar minha cartilha e estudar.

Eu havia decidido que estudaria até conseguir ler algumas palavras. Todos os dias, eu parava para aprender sozinha. Para Zabala (1998, p. 89),

A perspectiva 'tradicional' atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

Segundo a tendência pedagógica tradicional, o aluno era um mero receptor de informações, um ser passivo. Devido a sua imaturidade e inexperiência, o seu pensamento era desprezado em sala de aula, desvalorizando bem como, seu senso crítico. Acredito que esse tipo de educação tolhe o prazer de aprender.

Eu era uma criança muito tímida. Muitas vezes, ficava com dúvidas durante a aula que estava sendo ministrada, mas não tinha coragem de perguntar, por medo de ser repreendida pela professora. Hoje, percebo o quanto isso afetou minha vida escolar.

Quando cheguei ao ensino fundamental, continuei estudando na mesma escola citada anteriormente. Aos sete anos, ingressei na primeira série. Minha timidez atrapalhava muito, geralmente, nas aulas de língua portuguesa e matemática. O resultado eram notas baixas. Por isso, tive muitas dificuldades. Principalmente, na disciplina de matemática. As aulas me deixavam muito apreensivas, porque, muitas vezes, não entendia nada e minha timidez atrapalhava muito. Os professores também adotavam a pedagogia tradicional, sendo fundamental em suas aulas a ordem, o silêncio e, essencialmente, o respeito. Sobre isso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) introdução, “[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos”. (BRASIL, 1997, v. 1, p. 39).

Portanto, pelo que recordo, as atitudes adotadas pelos professores seguiam exatamente o que é relatado nos PCN. A metodologia de ensino baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente, da tabuada. Acreditava-se que, por meio da prática da repetição, se levariam os discentes à aprendizagem mais facilitada. Acredito que a prática da repetição não contribui muito

com a aprendizagem das crianças, pois se elas aprendem brincando, pelo lúdico é possível assimilar o conteúdo de forma mais significativa, por exemplo, nas aulas de matemática. Como diz Smole, Diniz e Cândido (2007, p. 11),

O trabalho com jogos nas aulas de matemática, quando bem planejado e elaborado, auxilia o desenvolvimento de habilidades como observação, análise, levantamento de hipótese, busca de suposições, reflexão, tomada de decisão, argumentação e organização, que estão estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico.

Nenhuma disciplina torna-se difícil se trabalhada com estratégias que levem o aluno a aprender de maneira lúdica, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, porque, nessa fase, a criança tem curiosidade e prazer em aprender. Principalmente nas aulas de matemática, na qual a maioria dos alunos sente dificuldades de assimilar alguns conteúdos. De acordo com (BORIN, 1996, p. 9) “uma das razões para a utilização dos jogos na sala de aula é possibilitar diminuir bloqueios apresentados por muitos alunos que têm receio da matemática e se sentem incapacitados para aprendê-la”.

Dentro da situação do jogo é impossível atitudes de passividade, pois a motivação é grande e torna possível perceber que, ao mesmo tempo em que os alunos brincam, apresentam também um melhor desempenho e atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem.

Na época a que me refiro, do meu tempo de escola, as disciplinas que formavam o currículo eram cinco: comunicação e expressão, matemática, estudo sociais e ciências e programa de saúde.

Em comunicação e expressão, as aulas eram destinadas à leitura de pequenos textos, à prática do ditado de palavras e à cópia. Não havia a preocupação em levar o aluno à produção de textos, para que ampliasse sua criatividade. O que seria importante, pois, quando os textos são espontâneos, as crianças escrevem com mais interesse, sendo produção própria e não cópia.

Em matemática, sempre era cobrado o estudo da tabuada, como também a efetuação das quatro operações fundamentais e a resolução de problemas.

Já nas disciplinas de estudos sociais e ciências, os conteúdos eram trabalhados de acordo com o que os livros ofereciam. Mesmo os assuntos retratados no livro didático não tendo relação com o nosso cotidiano, essas eram as disciplinas

com que eu me identificava, porque falavam sobre a vida, o corpo humano, a natureza e os animais. Enfim, tinham mais relação com o meu cotidiano. Sobre o estudo de Ciências Naturais os PCN aborda “[...] a ciência como um conhecimento na compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como o indivíduo, é a meta que se propõe para o ensino fundamental”. (BRASIL, 2001, v. 4, p. 23).

O professor de ciências deve levar o aluno a compreender o mundo em que vive. Para isso, é necessário utilizar nas aulas de campo quantas experiências concretas de fenômenos cotidianos forem possíveis, tendo em vista que o trabalho dinâmico irá agradar a turma além de facilitar a compreensão do tema abordado.

A disciplina de geografia, pelo que recorro, não apresentava nenhum atrativo maior. Os recursos utilizados pelos professores eram baseados no ensino tradicional. Os exercícios e a avaliação baseavam-se em questionários, nos quais o aluno deveria decorar e responder de acordo com as ideias apresentadas pelo professor durante as explicações da aula ou de acordo com o livro didático adotado.

Outro acontecimento marcante foi na semana da criança, quando fomos ao antigo cinema Rio Grande, localizado no centro da cidade de Natal. Foi muito maravilhoso! Nunca esqueci, quando entrei pela primeira vez no cinema, fiquei abismada com aquela grandeza de platéia e, quando o filme começou, me transportei para outra dimensão. Eu não conseguia me concentrar em outra coisa a não ser no filme: O Cavalo Azul. Foi uma das melhores experiências que já tive, pois meus pais não tinham condições financeiras de me levar ao cinema e a escola me deu essa oportunidade.

Outra atividade que me marcou foi a confecção de um porta-lápis de crochê sob a orientação da professora nos ensinou a confeccionar. Lembro que fiquei muito feliz, quando vi minha primeira produção artística. Quando cheguei a minha casa, fui logo mostrar para minha mãe, toda orgulhosa, o porta-lápis que construí.

Quando o aluno participa das atividades propostas e percebe suas potencialidades, a partir de suas próprias produções, sente-se capaz de superar outras dificuldades que irão surgir durante as aulas. Essa atividade foi muito significativa pra mim, pois nunca me esqueci de como se confecciona um porta-lápis nem da professora que me ensinou a confeccioná-lo.

Nesse período, lembro que já manifestava em mim o desejo de ser professora. Na minha casa, tinha uma sala muito espaçosa, onde sempre gostava

de brincar com minhas amigas de infância e, entre as várias brincadeiras, a de ser professora era a preferida. Eu sempre queria ser a líder da turma. Pegava uma tábua velha e alguns gizos que trazia da escola e tudo que a professora fazia na sala de aula, eu representava em minhas brincadeiras. Inclusive, o conteúdo que tinha aprendido naquele dia. Para mim, era uma maneira de revisar o conteúdo estudado.

Em 1990, iniciei a 5ª série, na Escola Estadual Belém Câmara, situada no bairro da Cidade da Esperança, zona oeste de Natal. A mudança de escola me causou muita ansiedade: ficava imaginando como seriam meu primeiro dia de aula, as novas amizades que surgiriam e os novos professores.

No primeiro dia de aula, fui à escola de ônibus com algumas colegas que moravam na mesma rua que eu, pois elas já conheciam todo o percurso de casa para a escola e da escola para casa. Ir sozinho à escola me deixou muito feliz. Estava me sentindo mais autônoma e responsável, pois seria diferente da outra escola que, em menos de 5 minutos, eu chegava em casa. Algum tempo depois, começamos a ir e vir a pé da escola. Eu achava muito legal, porque íamos conversando e vendo todo movimento da rua, mas o principal que economizávamos o dinheiro das passagens de ônibus.

Outro fato inovador para mim foi a quantidade de professores, pois no ano anterior era apenas um para as quatro disciplinas. A partir daquele momento, passavam a ser oito. Além do acréscimo de novas matérias sendo elas: programa de saúde, inglês, educação artística, educação física e biologia. A escola tinha um porte maior, inclusive com grande número de alunos e turmas.

Gostei muito de lá e dos professores! Foi uma das melhores escolas em que estudei! Na minha época, não me lembro de nenhuma falta de respeito ao professor. Os alunos eram mais comportados, eu me sentia feliz em estudar e ter muitos amigos naquela instituição. Hoje, fico muito triste em saber que a escola tem sido palco de violência entre professor e aluno. Diante dessa trajetória tão significativa pra mim reporto-me a Andrade (1999, p.3):

[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá está.

No que diz respeito à avaliação, o aluno aprendia que havia apenas uma resposta correta para a pergunta feita e os resultados dos testes eram usados apenas como índice de aprendizado individual. Para Alves (2000, p. 29),

Claro que há respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar ao aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas [...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus vôos!...Pois, isto também é conhecimento.

Em período de provas e testes, eu pegava meu caderno e estudava até conseguir decorar o conteúdo. Ficava muito ansiosa, temendo errar e obter notas baixas, pois não queria que meus pais recebessem reclamações da escola. Na medida do possível, procurava ter um bom comportamento. Diferentemente do que hoje acontece, pois que a avaliação é contínua. O aluno é avaliado em todos os aspectos possíveis da sua aprendizagem.

Recordo que as feiras de ciências e cultura aconteciam no mês Setembro. Era um momento muito especial oferecido pela escola, no qual os alunos podiam mostrar seus talentos, através de algumas atividades produzidas por eles. Por meio de maquetes e de demonstrações de experiências, conseguíamos vivenciar e adquirir novos conhecimentos, além da oportunidade de adquirirmos boas notas pelos trabalhos apresentados em grupo. Era uma semana muito agitada na escola. Eu gostava muito de participar, observando os trabalhos dos colegas. Alunos de outras escolas também iam prestigiar os nossos trabalhos. Eu ficava muito orgulhosa de expô-los.

Em relação à disciplina de inglês, os conteúdos abordados eram: o verbo *To Be*, as cores e os números, entre outros que não me vêm à memória no momento. A professora explicava os conteúdos quantas vezes fossem necessários. E, conforme ela ia explicando o assunto e pronunciando algumas palavras, nós repetíamos em voz alta. Dessa forma, nos proporcionava uma melhor fixação dos conteúdos, o que colaborava com nosso aprendizado e conceito no final do ano.

Quanto à disciplina de educação física, eu não gostava por ser cansativa e monótona. Em todas as aulas, praticávamos os mesmos exercícios de polichinelos, abdominais, corrida ao redor da quadra de esportes. Esta ficava em um local

desapropriado para a prática de exercícios físicos, pois não havia cobertura para nos abrigar contra os raios solares. A aula acontecia nos horários de 9 às 11 horas. Não tínhamos noção do conteúdo que estava sendo ministrado, não sabíamos o porquê de todo aquele esforço físico.

Lembro que, certa vez, terminei desmaiando na aula, devido ao cansaço e por não ter me alimentado bem antes dos exercícios. Hoje, percebo que os professores dessa disciplina têm se preocupado não só com o físico mais com uma educação física que trabalhe o corpo inteiro, ou seja, têm visto o aluno na sua totalidade. Segundo as Diretrizes Nacionais da Educação Básica do Paraná, (PARANÁ, 2008, p. 125),

Pensar a educação física a partir de uma mudança significa; analisar a insuficiência do atual modelo de ensino, que muitas vezes não contempla a enorme riqueza das manifestações corporais produzidas socialmente pelos diferentes grupos humanos, isso pressupõe criticar o trabalho pedagógico, os objetivos e a avaliação, o trato com o conhecimento, os espaços e tempos. Educação significa, também, reconhecer a gênese da cultura corporal, que reside na atividade humana para garantir a existência da espécie. Destacam-se daí os elementos lúdicos e agnósticos que, sistematizados, estão presentes na escola como conteúdos de ensino.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, 9394/96, de Dezembro de 1996, delineiam-se novas perspectivas para a educação física que, em seu artigo 26, apresenta o seguinte: “§ 3º A educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Como podemos perceber, muitas mudanças ocorreram em relação a essa disciplina. Tenho observado que os professores estão mais capacitados para atuar de forma significativa, pois tenho observado algumas aulas no campo de estágio e tenho visto que os professores têm feito um ótimo trabalho com alunos de várias faixas etárias.

As aulas de português priorizavam o uso da gramática normativa. A prática da leitura e da escrita acontecia por meio de exercícios de produção de textos e leituras no livro didático. O ditado já não era utilizado. O aluno começava a ser incentivado a criar seu texto, expressando seu pensamento, por meio da escrita. Recordo que, logo no primeiro dia de aula, era pedida uma redação sobre o que o

aluno esperava daquele ano ou que escrevesse sobre as férias. Eu gostava mais de desenhar do que de escrever.

Partindo do principal objetivo do ensino da língua portuguesa que é formar cidadãos capazes de utilizar com eficiência a leitura e a escrita da língua, de acordo com os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, v. 2, p. 30), temos:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento de capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos e lidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância que respondem a exigências práticas da vida diária, são o que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de pensamento mais elaborado e abstrato, os mais vitais da plena participação numa sociedade letrada.

Hoje, não basta apenas decodificar o código escrito. O indivíduo precisa estar inserido ativamente em um processo de letramento, que se estenda por toda vida. O objetivo é ter domínio e colocar em prática o que se aprende na escola oferecendo assim maior possibilidade de participação nas redes sociais da linguagem oral e escrita.

Na disciplina de matemática, a tabuada não era utilizada. Tínhamos de estudar os conteúdos que o professor passava para obtermos a nota máxima. Vale ressaltar que eu tinha muitas dificuldades nessa disciplina e na compreensão dos assuntos, por isso minha nota era sempre baixa ou a média limitada. Quase sempre ficava em recuperação para poder obter a aprovação. Já ciências e geografia eram minhas disciplinas favoritas por serem mais relacionadas com o meu cotidiano, sempre conseguia obter boas notas.

Entre 1990 a 1994, cursei da 5ª a 8ª séries, sendo aprovada em todas elas. A partir daí, muitas mudanças aconteceram na minha vida e passei a estudar na Escola Estadual Soldado Luiz Gonzaga, no bairro de Dix-Sept Rosado. Lá, concluí o 1º ano do segundo grau (atual ensino médio). Entretanto, infelizmente, tive de parar de estudar por motivo de ter começado a trabalhar como empregada doméstica e outros fatos que não são válidos relembrar no momento.

Fiquei cinco anos fora da escola. Somente no ano de 2000, decidi voltar a estudar na Escola Estadual Professor Luiz Antônio, no bairro da Candelária. Agora,

cursando o ensino médio normal, pois, já havia conseguido um novo emprego de auxiliar de monitora, em uma creche, e precisava me qualificar para o mercado de trabalho.

Logo de início, tínhamos aulas expositivas, dialogadas, trabalhos em grupos, provas, e notas. Tive muitas dificuldades porque sentia vergonha de falar em público. Ficava muito nervosa. Todas as vezes que era necessário falar para a turma a fim de apresentar trabalhos, gaguejava muito devido ao medo de falar de modo inadequado. Sentia-me muito insegura. Mas, aos poucos, fui perdendo o medo.

O curso normal me proporcionou muitas oportunidades e descobertas. Aprendi a compreender melhor a prática educativa, a perder a timidez, entender como elaborar um planejamento e organizar o espaço educativo. Tive ótimos professores que foram de grande importância para a minha formação inicial no exercício da docência, pois me ajudaram a superar dificuldades. Em especial, o professor Antônio Quirino e a professora Keila, que sempre nos traziam palavras de incentivo, para que continuássemos a carreira do magistério. Eram defensores da escola pública.

Sempre serei muito grata a todos os professores que contribuíram para que hoje eu chegasse a uma formação acadêmica. Olhando para o passado, também me lembro das dificuldades enfrentadas: muitas vezes, precisava levar meu filho para a escola, porque não tinha com quem deixá-lo. Eu o levava para a creche onde trabalhava e, depois, tinha de levá-lo para a escola. Hoje, me considero uma mulher vitoriosa porque, em meio a grandes vendavais da vida, consegui concluir e obter o título de educadora.

Assim, cheguei a esse nível de ensino com muita satisfação e com a certeza de que dessa vez não desistiria do curso porque meu emprego estava dependendo da conclusão do ensino médio e eu não queria nem podia perdê-lo. Já estava me identificando com a profissão e precisava sair do cargo de auxiliar de monitora, para, então, exercer o cargo de educadora infantil. Sabia que dependeria do meu comprometimento nos estudos.

Ainda consegui aproveitar algumas disciplinas do curso científico, que já havia concluído no 1º ano do ensino médio. Por meio dessa instituição de ensino, adquiri muitos conhecimentos, construí muitos laços de amizade, conseguindo vencer mais uma etapa da minha vida escolar.

Quanto às disciplinas, além das específicas do curso normal, outras integravam o currículo, entre elas: química e física. As outras - matemática, inglês, artes, português e biologia – tinham um caráter mais abrangente e aprofundado. As primeiras citadas eram as mais difíceis na minha concepção porque não conseguia desvendar com facilidade os cálculos e as fórmulas.

De todas as disciplinas específicas do curso normal, eu me identificava muito com literatura infantil e juvenil porque gosto muito de ouvir e contar histórias. O professor Marcílio era um ótimo contador de histórias. Em todas as aulas, sempre nos contava uma história diferente. Às vezes, eram histórias de reinos encantados, causos, lendas e clássicos da literatura infantil. Suas aulas eram muito dinâmicas, nos faziam viajar em um mundo de pura imaginação e contentamento.

Ele distribuía alguns livros de literatura infantil para que nós lêssemos. Na aula seguinte, todos contavam o que tinham lido a turma. Isso ficou marcado em minha memória, devido à satisfação de poder ouvir histórias contadas por meus colegas e também de estar aprendendo técnicas de como contar histórias de maneira mais atrativa.

Relembrando aqueles momentos, cito Rogers (1970, p. 191) quando afirma que: “O homem é um ser que vive, pois ele experimenta, sente, avalia, escolhe, acredita e atua não como um ser autômato, mais como pessoa”.

O curso normal me proporcionou grandes descobertas profissionais. Foi lá que realmente me identifiquei com a docência. A partir daí, comecei a ter um olhar mais reflexivo diante da minha prática pedagógica. Segundo Farias (2009, p.77),

A formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança.

O professor precisa estar em constante formação. Como o alimento que é essencial à vida, o conhecimento é essencial à prática docente. É necessário está envolvido numa busca constante de respostas para os questionamentos e refletir sobre a própria prática para que aconteçam mudanças essenciais que favoreçam uma melhor aprendizagem dos alunos. Paulo Freire (1996, p. 32) afirma que “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”. Esse pesquisar é buscar e

compreender criticamente o que só ocorrerá, se o professor souber pensar. Para o autor, saber pensar é duvidar de suas próprias certezas, questionar, suas verdades. Se o docente faz isso, terá facilidade de desenvolver em seus alunos o mesmo espírito.

Ao chegar ao final do curso, senti grande ansiedade por tudo que havia de ser feito. Inclusive, estávamos nos preparando para o estágio que foi realizado na Escola Municipal Emília Ramos, localizada no bairro Cidade Nova, no ano 2003, com o 2º ano do ensino fundamental.

A primeira etapa foi apenas para investigar o ambiente escolar, a rotina e o relacionamento entre professor e aluno e a socialização da turma. Na segunda etapa, realizamos a observação e a regência. O que também foi uma experiência nova e muito enriquecedora para mim, visto que nunca tinha estado em uma sala de ensino fundamental. No início, confesso que fiquei muito insegura porque a presença da professora titular me deixava muito nervosa. Ela fazia intervenções o tempo todo. Quando estávamos ministrando a aula na presença dos alunos. Graças a Deus, consegui terminar o estágio e consegui alcançar meu objetivo! A certeza de ter feito uma boa apresentação deu-se quando a professora me deu os parabéns e adquiri nota acima da média.

3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: EM BUSCA DE UM SONHO

“O rio atinge seus objetivos porque aprendeu a contornar seus obstáculos”.

Lao-tsé

Minha trajetória profissional teve início aos 17 anos de idade, quando fui trabalhar como empregada doméstica. Mesmo sem o consentimento dos meus pais, tomei a iniciativa de trabalhar cedo porque queria ter minha independência financeira e meus pais não tinham condições financeiras de me manter como gostaria.

Minha patroa teve uma grande contribuição na minha vida profissional. Afinal, suas condições de vida e cultura eram diferentes das minhas e eu ficava observando todo o comportamento de seus filhos (um deles tinha a mesma idade que eu) e, muitas vezes, ficava meditando e imaginando que eu poderia está estudando, assim como ele, em vez de estar trabalhando. Eu admirava-os muito devido a sua dedicação aos estudos. O filho dela com apenas 17 anos conseguiu passar no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN), no curso de Física. Tudo isso foi me influenciando para que eu não me acomodasse naquela vida de doméstica.

Minha patroa era muito boa comigo e me dava muitos conselhos, que eu estudasse para ser alguém na vida, dizia que eu fizesse vestibular para psicologia, serviço social ou pedagogia que, segundo ela, meu perfil era de seguir uma dessas profissões.

Tudo isso me fez despertar para a vida. A partir de então, decidi voltar a estudar e concluir o ensino médio que, por alguns anos, havia interrompido devido a falta de motivação e em virtude de ter feito algumas escolhas erradas na vida.

Quando completei 20 anos, fui demitida, pois, segundo minha patroa, ela iria se aposentar e não precisaria de empregada para os afazeres domésticos. Apesar de ter sido uma pessoa muito amiga, foi injusta comigo, pois se aproveitou da minha inexperiência e confiança, pedindo que eu assinasse alguns papéis comprovando meu pedido de demissão, quando, na verdade, era ela quem estava me demitindo e, assim, perdi meus direitos trabalhistas.

Depois disso, consegui um novo emprego, em um restaurante, como auxiliar de cozinha, pela necessidade, afinal, restaram dívidas para pagar. Infelizmente, não gostei, porque tinha que ser muito ágil para preparar os pratos feitos e eu não tinha

agilidade para esse tipo de serviço. Decidi abandonar o emprego e passei a vender peças íntimas e bijuterias. Também não obtive sucesso com as vendas, pois me deram muitos prejuízos.

Em 1998, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma creche por intermédio da *ONG Movimento de Integração e Orientação Social (MEIOS)*. Ao ser recebida pela presidente, fui encaminhada para o Centro Infantil Severino Davi, localizado na Rua Esplanada Jardim, no bairro Ribeira. Inicialmente, o prédio pertencia ao governo do Estado e dividia o espaço com o ensino fundamental. Comecei a trabalhar como auxiliar de monitora no nível quatro.

Quando cheguei à sala de aula, fiquei assustada com a quantidade de crianças: eram 27 crianças. Pedi a Deus que a monitora nunca faltasse, pois tinha medo de não dar conta da rotina. Temia que algum acidente viesse a acontecer com elas. Ficava muito perdida: quando as crianças entravam em conflitos e choravam, eu não tinha noção do que fazer nem do que era trabalhar com educação infantil.

Com o passar do tempo, fui me identificando com a profissão e comecei a pensar em uma formação inicial no ensino médio normal e decidi efetuar a matrícula junto com uma colega de trabalho. Esta se chamava Cláudia. Na época, além de trabalhar no colégio Impacto, também era funcionária do governo do Estado e estava cedida ao MEIOS. Era a monitora da sala. Essa minha colega contribuiu muito na minha trajetória profissional, pois eu ficava observando sua prática e, apesar de ser uma defensora da educação tradicional, não deixava de ser uma excelente professora, muito organizada e dedicada no que fazia.

Quando comecei a trabalhar com ela na educação infantil, não sabia o que era planejamento nem como se construía um. Muitas vezes, ficava me perguntando: como será que o planejamento é feito? Então, eu sempre pegava o caderno de planejamento dela e ficava lendo os planos de aula e achando tudo muito bem elaborado, mas sem nenhuma noção de por onde começar. Para Chotten (2007, p.55) citado por Silva (2009, p. 15),

[...] quando analisamos a prática pedagógica de qualquer professor, vemos que, por trás de suas ações, há sempre um conjunto de idéias que os orienta. Mesmo quando ele não tem consciência dessas teorias, elas estão presentes. É, a partir da observação, da investigação e do contato com os professores e alunos da escola que o futuro professor elabora um perfil que norteará sua prática pedagógica.

Fiquei trabalhando durante seis anos no Centro Infantil Severino David e decidi ser transferida para uma escola mais próxima de minha casa. Somente, em 2004, no ano de conclusão do ensino médio normal, que consegui uma vaga na Creche Vanice Alves, localizada na Rua Walter Carvalho, no bairro Guarapes, zona oeste de Natal.

Nesse período, eu já estava atuando como educadora infantil, pois já havia concluído o curso médio normal. Foi mais uma experiência nova para minha vida profissional. Costumo dizer que, lá na creche, eu aprendi realmente a ser e estar na profissão de educadora infantil. As crianças exigiam muito mais de mim devido à faixa etária. Elas eram mais dependentes. Principalmente, na hora do banho, do repouso e das atividades extraclasse. A relação professor-aluno era muito saudável e cheia de descobertas. A cada momento, eu aprendia junto com as crianças. Algumas vezes, brincávamos juntos no pátio e eu percebia o quanto era importante e gostoso para as crianças me verem participando do mundo delas. Pelas suas falas, percebia o quanto estava sendo importante na construção do conhecimento de cada uma. Em alguns momentos, elas relatavam o que estava acontecendo dentro do seu lar, suas angústias por verem seus pais brigando entre outros relatos. Esse era o momento de conversar e de ouvir tudo que tinham para desabafar e tratá-los com ternura e amor.

Um acontecimento que marcou muito a minha trajetória profissional foi o fato de uma criança chegar pra mim e dizer que eu era sua mãe, porque a mãe biológica estava muito distante dela e a menina morava com o pai e a madrasta. Foi quando percebi o quanto estava cumprindo muito bem o meu papel de cuidar e educar na biologia do amor e da solidariedade. De acordo com Moraes citada por Cavalcante (2006, p.9),

Como seres humanos amorosos, direcionamos as nossas vidas em busca da essência do amor, aquele amor que liberta e compreende, aquela fonte inesgotável de energia inspiradora de nossos desejos, esperanças e aspirações. Buscamos o amor como expressão máxima da vida, como aceitação do outro, como atenção genuína com o outro, como expressão de harmonia, cuidado e zelo.

Precisamos ser exemplos de seres humanos amorosos, vivendo, na prática, a solidariedade, a aceitação do outro, o respeito às diferenças. Enfim, vivendo os valores dentro da nossa sala de aula para que nossos alunos possam espelhar-se em nós. Sabemos que não tem sido fácil porque muitas vezes a criança reflete na sala de aula o que vivencia em casa ou no bairro onde mora, isto é, violências domésticas, urbanas e desrespeitos morais e éticos. Nós, educadores, ficamos com a responsabilidade de tentar contribuir para a formação do caráter desses alunos que, muitas vezes, têm pais ausentes. Sem o cuidado e sem o carinho, a vida não tem sentido, e a chama da vida tende a se extinguir rapidamente.

A creche realizou um bom trabalho junto à comunidade. Esta participava de todos os projetos e eventos realizados pela coordenadora pedagógica e toda equipe escolar. Na escola, todos exerciam o papel de educadores, trabalhavam de mãos dadas para que houvesse uma aprendizagem significativa.

Sinto muitas saudades do tempo em que prestava serviço ao MEIOS, principalmente na Creche Vanice Alves. Mesmo não sendo bem remunerada financeiramente, me sentia realizada quando via meu trabalho sendo reconhecido pelos pais dos alunos e também no trabalho pedagógico realizado junto às crianças, no respeito que os pais tinham por mim. Isso não tem preço. Eu tinha prazer em estar trabalhando em um bairro de periferia e com alto índice de violência, mas também com pessoas que cooperavam com a melhoria da creche, pessoas bastante acolhedoras.

Infelizmente, o MEIOS foi extinto no ano de 2011 pela atual governadora do Estado, Rosalba Ciarline. Segundo ela, não havia condições de assumir a ONG devido às grandes dívidas deixadas pela gestão anterior. Esse acontecimento deixou muitos funcionários tristes e depressivos, inclusive eu, que já trabalhava há 14 anos na instituição. Achei uma desumanidade com vários pais e mães de família que sobreviviam apenas do salário que ganhavam na ONG. Mas, hoje, agradeço a Deus por ter a oportunidade de ter feito parte da história do MEIOS, pois foi através

dele que adquiri muitas experiências, principalmente na área da educação infantil, junto com meus alunos e colegas de trabalho. E isso não tem preço.

Cada colega com quem tive o prazer de conviver nessa caminhada profissional tiveram sua contribuição na construção do meu fazer pedagógico. Tenho certeza de que houve muitas trocas de conhecimentos. Se hoje estou concluindo um curso de licenciatura em Pedagogia, devo, primeiramente, a Deus, segundo, à parceria feita entre o IFESP e o governo do Estado. Acredito que nada acontece por acaso e que para tudo Deus tem um propósito.

Depois que fiquei desempregada, fiz a inscrição para trabalhar no *Programa Brasil Alfabetizado: Geração Cidadã*, promovido pela Secretaria municipal de Educação de Natal, na modalidade educação de jovens e adultos. Inicialmente, as aulas aconteciam na igreja onde me congrego. No ano seguinte, comecei a dar aulas na minha residência. Ganhava apenas uma bolsa de 250 reais. Apesar do salário não ser o que eu desejava ganhar, me sentia feliz com as experiências que estavam sendo adquiridas a partir da realização do projeto.

No início, eu achava que os alunos não teriam muitas dificuldades de aprendizagem, devido ao fato de serem adultos. Depois, compreendi que eram cidadãos trabalhadores que já chegavam fadigados de uma longa jornada de trabalho. Alguns não conheciam nem as letras dos seus nomes, porque, infelizmente, não tiveram acesso à escola na idade própria, por causa de algumas situações adversas da vida. Então, fui entendendo cada um deles e aprendendo junto.

Considero importante que o professor leve em consideração a vivência de cada educando e seus conhecimentos prévios porque, ao chegar à aula, eles já trazem algumas noções de letramento, já que estão inseridos em um mundo de letramento e numeramento.

Na nova concepção de alfabetização, que concebe a leitura como prática social, a qual está inserida no cotidiano dos educados, como confirma Freire (2001, p. 60): “aprender a ler e escrever, já não é, pois memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da língua”. Portanto, não basta apenas que o aluno da EJA aprenda a ler e a escrever, é preciso que ele seja um leitor crítico e um produtor de textos capaz de assumir seus próprios pontos de vistas e argumentar para defendê-los, participando ativamente dos processos sociais como cidadão crítico e reflexivo.

4 FORMAÇÃO ACADÊMICA: CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

“A formação do professor é algo que deve ser construído com muita paciência, passo a passo”.

Madalena Freire

Ao terminar o ensino médio normal, senti a necessidade de cursar uma faculdade de Pedagogia. No mesmo ano, o IFESP estava abrindo inscrições para o curso normal superior. Infelizmente, não tive oportunidade de fazer a inscrição. Também não era o curso pelo qual me interessava muito porque minha preferência era o curso de Pedagogia.

No ano de 2009, surgiu a oportunidade que eu tanto almejava. Não hesitei. Fiz a inscrição e consegui ser aprovada em 13º lugar. Fiquei muito feliz porque consegui provar que todos nós somos capazes de vencer os obstáculos que, muitas vezes, se levantam para tentar nos fazer parar na caminhada da vida.

Enfrentei muitas barreiras. Entre todas, a que me deixava mais triste eram as palavras negativas de algumas colegas de trabalho que diziam que eu não conseguiria passar no vestibular porque existiam pessoas mais capacitadas que eu. Mas tudo isso me fez acreditar no meu sonho e estudar com muito esforço para conseguir passar. Todos os dias, eu parava para estudar duas vezes, quando chegava do trabalho às 13 horas e, à noite, antes de dormir.

O curso de Pedagogia tem como objetivo formar profissionais para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Nos cursos do ensino médio, modalidade normal de educação profissional, na área de serviço e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Destina-se também à qualificação técnica, científica, pedagógica e cultural do professor para o ensino fundamental (1º ao 5º ano) objetivando a ampliação, o fortalecimento e aprimoramento de suas competências intelectuais e profissionais, numa perspectiva humanística, de modo que seja capaz de assumir, enquanto cidadão e educador, uma participação consciente, ativa e construtiva nos processos educativos e sociais visando o exercício pleno da cidadania.

As aulas tiveram início no dia 27 de julho 2009. No primeiro dia de aula, fomos bem acolhidos pela equipe pedagógica do IFESP e pela professora Maria das Neves, uma excelente professora, muito carismática, que nos trouxe uma leitura reflexiva com o tema: *Você tem experiência?* É um texto muito bom, pois nos faz

refletir sobre como todos nós temos experiências adquiridas ao longo da vida, saberes que foram essenciais para nossa sobrevivência na sociedade na qual estamos inseridos.

E foi com muita alegria e expectativas que ingressei no curso de Pedagogia. O fato de estar cursando o nível superior fez aumentar minha autoestima e me senti alguém importante. Em outros tempos, achava que esse dia não chegaria por não ter condições financeiras de pagar uma universidade.

Naquele primeiro dia em que cheguei ao Instituto, pensei: “Esta é a porta da vitória!” E agradei a Deus pela graça alcançada. “Tenho certeza de que, a partir de hoje, muita coisa mudará na minha vida para melhor, principalmente na área profissional”.

Diante do novo mundo acadêmico, surpreendi-me com a metodologia adotada pelos professores a qual não se restringe apenas ao ensino e à informação, mas também envolve propostas de participação em todo processo. Todos os docentes apresentam uma ótima relação com os discentes, tendo em vista a interação constante em todas as aulas ministradas favorecendo assim a construção de novos saberes.

Com a finalidade de atingir os melhores resultados na aprendizagem dos alunos foram utilizadas diversas estratégias, entre elas: seminários dirigidos, palestras, oficinas, aulas de campo entre outras. A partir das propostas apresentadas, foi possível perceber as ações pedagógicas de trabalho didático que contribuiu de forma concreta com a metodologia a ser desenvolvida pelos educados, partindo sempre dos conhecimentos prévios dos alunos, estabelecendo, dessa maneira, relação direta com cotidiano no processo de aprendizagem.

As propostas de aprendizagens proporcionadas pelo curso foram muito significativas e, aos poucos, consegui superar algumas dificuldades, tais como: a timidez, no momento dos seminários apresentados, nas discussões e na compreensão dos textos explorados. Eu tinha consciência de que a mudança em minha prática teria que partir acima de tudo do meu interior. Esses momentos de estudos e busca de conhecimento me familiarizaram com as novas metodologias de ensino, levando-me a reflexões e, conseqüentemente, à mudança. Percebia, porém, que alguns aspectos do ensino tradicional não poderiam ser desprezados, e sim, renovados.

A partir das trocas de experiências, passei a conhecer o trabalho dos colegas e o funcionamento de outras escolas. Faz-se necessário o educador se conscientizar de que a aprendizagem se consolida com a participação das diversas esferas da sociedade, não se limitando apenas à sala de aula. Desse modo, de acordo com o os PCN introdução (BRASIL, 1997, v. 1, p. 54), a construção do conhecimento é um processo que não pode ser dissociado do contexto em que o aluno está inserido, deixando claro que:

Os alunos não contam exclusivamente com o contexto escolar para a construção de conhecimentos sobre conteúdos considerados escolares. A mídia, a família, a igreja, os amigos. São também fontes da influência educativa que incidem sobre o processo da construção de significado desses conteúdos. Essas influências sociais normalmente somam-se ao processo de aprendizagem escolar, contribuindo para consolidá-lo, por isso é importante que a escola as considere e as integre aos trabalhos.

Acredito que a escola como lugar de aprendizagens e trocas de conhecimentos precisa levar em consideração as aprendizagens adquiridas em todas as esferas do conhecimento, respeitando os saberes e a cultura dos alunos adquiridos em outros ambientes, realizando estudos, pesquisas e planejamento, procurando melhorar o ensino e aproximação dos familiares no processo de aprendizagem das crianças.

Entre os vários conhecimentos adquiridos durante o curso, citarei contribuições que algumas disciplinas me possibilitaram no exercício de reflexão pedagógica, que serão de grande contribuição para a minha formação contínua. Procuro ainda relacionar alguns conteúdos estudados durante esta trajetória acadêmica demonstrando um novo olhar pessoal e adquirido com o ingresso no IFESP.

Citarei as disciplinas que me foram mais significativas: *Prática e Pesquisa Pedagógica*, *Psicologia da Educação I e II*, *Metodologia do Ensino da Matemática*, *Educação Especial*, *Prática e Pesquisa Pedagógica II*. O objetivo geral era compreender as práticas educativas desenvolvidas em diferentes contextos, considerando os diversos componentes do processo educativo evidenciado no Projeto Político Pedagógico.

Durante a primeira disciplina citada, estudamos sobre três temas bastante interessantes e importantes para o meu crescimento educativo e profissional, no

qual Isabel Alarcão aborda o tema: Gerir uma escola reflexiva. Esse texto me levou a compreender o que realmente é uma escola reflexiva (sua principal missão é educar juntamente com a família, a municipalidade e a sociedade em geral). Para isso, é necessário que os gestores estejam comprometidos com a educação, sendo capazes de liderar e mobilizar as pessoas, sabendo avaliar e deixando-se avaliar, acreditando que todos e a própria escola se encontram num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Qualquer profissional precisa ser cada vez mais competente no seu ofício. Principalmente, nós, educadores, precisamos ser comprometidos com a educação, gerando em nossa sala de aula um ambiente de conhecimentos, experiências e descobertas, para que professor e alunos aprendam juntos.

A partir dessa disciplina ficou claro que um dos principais objetivos da escola é promover a formação integral dos alunos nos aspectos psíquicos, cognitivos e motores, respeitando não só as diversidades, mas também os conhecimentos e aprendizagens das crianças.

Sobre o projeto político pedagógico: não deve ser construído sozinho, mas em coletividade, com os professores e gestores, alunos, pais ou responsáveis, representantes da comunidade, funcionários, pessoal administrativo e de apoio.

O Projeto Político Pedagógico não nasce de uma só vez: é um direito e um dever da escola. Um direito porque, por meio dele, a escola consolida sua autonomia e os seus atores podem pensar, executar e avaliar o próprio trabalho. Um dever por se tratar do elemento responsável pela vida da escola em seu tempo institucional. Ele precisa ser um documento dinâmico, democrático, capaz de representar e orientar a vida na escola.

A disciplina *Psicologia da Educação I e II* proporcionou a compreensão do processo de ensino e aprendizagem paralelo à Psicologia, dando ênfase à importância do perfil do professor progressista e observador, pois sabemos que cada sujeito possui sua individualidade, sua maneira de pensar e de agir. O docente deve ter o cuidado de observar atentamente o desenvolvimento de seus alunos e levar em consideração que a interação, o contato com o outro e com o meio influi na formação do indivíduo.

Um dos textos que mais me chamou a atenção foi o de Telma Weiz: quando corrigir, quando não corrigir. Compreendi que o professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica. Uma é o planejamento da situação de aprendizagem, para a qual

tenta criar condições ideais: oferecer as informações, montar propostas de trabalho de tal forma que aluno ponha em jogo o que sabe, arriscando-se, avançando e compreendendo mais a frente o que sabia.

O outro eixo do seu trabalho é a intervenção propriamente dita no processo que está acontecendo, no qual o aluno, os grupos ou a classe diante de uma situação proposta realizam atividades e o professor participa desenvolvendo vários papéis. Em relação à aprendizagem do aluno, a correção é fundamental, porque corresponde exatamente a intervenção que se espera do professor, chamar a atenção do aluno para alguma inadequação da atividade que está sendo realizada, reorientar a ação do aprendiz e alertar sobre algo que ele não considerou ou não percebeu, levantar questões que o ajudem a pensar sobre aspectos que ele não tinha se dado conta, porque o objetivo do ensino é que o aluno aprenda e produza cada vez mais e melhor não que tenha um caderno perfeito.

Partindo para a metodologia do ensino da matemática, considero essa disciplina muito importante no processo educativo. Apesar de essa disciplina ser a que mais me deixava com notas baixas por não gostar de cálculos e mesmo escolhendo o ofício da docência não queria trabalhar com o ensino fundamental porque não gostava da disciplina e nem sabia como ensinar.

Porém, os métodos adotados pelas professoras tornaram as aulas mais dinâmicas, lúdicas e participativas, enfocando sua importância para as séries iniciais do ensino fundamental. Isso fez despertar o interesse pela matemática e, a partir de então, comecei a estudar sobre os números, as quatro operações básicas, considerando os aspectos históricos, tendo em vista que é interessante analisar a construção e a evolução histórica do sistema de numeração em outra época.

A compreensão dos conteúdos deu-se com as práticas adotadas pelas professoras que possibilitaram o exercício de atividades diversificadas e dinâmicas através de jogos que serão um grande aliado na sala de aula para o ensino da matemática. Uma vez que os procedimentos irão colaborar na formação do cidadão, posto que o conhecimento matemático é um fato necessário e presente nas diversas situações cotidianas da sociedade.

Finalmente, na disciplina *Corporeidade e Educação*, todas as aulas eram iniciadas com uma vivência, onde fomos provocados a sentir e a pensar. Através de todos os conteúdos estudados, aprendi a ter um olhar reflexivo em relação ao outro. Percebi que sem humanescência não há educação para a vida coletiva. Pois o amor

é a base de tudo. Ele é o mais sublime dos sentimentos. Não se pode amar apenas por palavras, mas de fato e de verdade.

Também é papel da escola formar cidadãos que valorizem os sentimentos e emoções e respeitem o outro independente das diferenças sociais e culturais. A produção do conhecimento tem tudo a ver com a experiência do prazer. Quando essa dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Precisamos pensar a educação colocando em foco a corporeidade viva, na qual necessidades e desejos formam uma unidade. De acordo com Moraes e Torres (2007, p.16),

Educar no sentir, pensar é educar em valores sociais, em convicções, em atitudes crítico-construtivas e em espírito criativo. É educar o outro na justiça e na solidariedade. É formar na ética e na integridade. “É educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas, sobretudo, para a “escuta dos sentimentos” e “abertura de coração”. É educar para a evolução da consciência e do espírito para que o ser humano atinja um estado de plenitude, em que já não será preciso reprimir ou negar a experiência do coração, da comunhão, do sagrado, reprimidas, durante séculos, pela chamada ciência.

A educação precisa, urgentemente, de profissionais que tenham essa visão de educar no sentir, pensar para que não só o cognitivo seja trabalhado, mas também os sentimentos, o cuidado com o outro, principalmente nos dias atuais, em que as escolas têm sido palco de violências entre alunos e professores. É preciso que sejam trabalhados, no educando, os valores morais e éticos e, nos professores, a alegria de atuar com satisfação.

A disciplina *Educação Especial* me mostrou como agir frente ao aluno com necessidades especiais. No momento, estou fazendo um estágio na área de Educação Especial, promovido pela secretaria de educação do município de Natal e o IEL. Hoje, percebendo o quanto foi significativo o estudo da disciplina para a minha formação. A partir dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, aprendi como lidar com o aluno portador de necessidades especiais. Está sendo muito gratificante acompanhar uma aluna autista.

Analisando todo o curso, posso afirmar que todas as disciplinas tiveram sua contribuição para melhoria do meu fazer pedagógico. Sempre pensei no meu aluno, em preparar aulas que sejam significativas para sua aprendizagem. Sempre procurando trabalhar o amor e a solidariedade. Concordo com Andrade quando

afirma que “a educação e o amor são duas realidades inseparáveis, pois quem educa, necessariamente, ama e quem ama, necessariamente, educa”. Em suma, hoje, realmente sou professora. Tornei-me melhor com intuito de dar o melhor de tudo que aprendi àqueles que estão sob minha responsabilidade: os alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o curso de Pedagogia licenciatura plena com habilitação para o ensino da educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental do Instituto de educação superior do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, posso afirmar que aprendi que o educador deve ser constantemente um pesquisador buscando sempre soluções. Faz-se necessário que o educador se auto-avale para buscar embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica.

Tenho plena convicção que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo processo educativo das crianças.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, me considero uma mulher vitoriosa. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.

ANDRADE, Cleusa Pires de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

ASSMAN, Hugo. Reencantar a educação. In:_____. **Reencantar a educação, rumo a sociedade aprendente**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BORGES, Tereza M. **Machado ensinando sem silabar**. Campinas: Papirus, 1998.

BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática**. São Paulo: IME-USP, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular nacional da educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF. 1998. v. 3.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Introdução**. Brasília: MEC/SEE. 2001. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 1.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997. v. 2.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. 3. ed. Brasília: MEC/ SEF, 2001. v. 4.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história/geografia**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. v. 5.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física: 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 7.

CAVALCANTE, Kátia B. Pra abraçar a humanescência na pedagogia vivencial. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO,13, 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM.

COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos, **Revista Espaço Acadêmico**, n. 64, set. 2006.

Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/064/64costa.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

CRUZ, Maria Nazaré da; FONTANA, Roseli A. C. Psicologia e trabalho pedagógico. In: _____. **O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil da criança**. São Paulo: Atual Editora, 1997.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. In: **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasil: Lider livro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não**. 5. ed. São Paulo: olho D' água, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: 2º grau (formação do professor)**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAES, Maria Cândida; TORRES, Saturnino de La. Sentirpensar sob o olhar poético: estratégias para reencantar a educação. Disponível em: <<http://www.ub.es/sentirpensar/pdf/sentirpensar-autopoietico.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

MORAIS, 1970. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

PARANA. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares de educação física para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.nre.seed.pr.gov.br/pitanga/.../diretrizeseducacaofisica72008.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2013.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.

SILVA, Rogério Bernardo da. **Análise da relação entre o discurso e a prática avaliativa do professor na EJA**. 2009. 89 f. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2009.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Inez; CÂNDIDO, Patrícia. Os jogos na aulas de matemática. In: _____. **Jogos Matemática de 1º ano ao 5º**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZABALA, Antoni. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: _____. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.